

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 63

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua de República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA

Guimarães, 1 de Fevereiro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesa
R. DE PAIO GALVÃO

O 31 DE JANEIRO

A Revolta do Porto de 31 de Janeiro de 1891, que deve atribuir-se á vibrante indignação que se apoderou da alma nacional por ocasião do conflito anglo-portuguez de 1890, não foi um facto vulgar nem o momento de acuidade de certas febres que podem, num instante, sacudir todas as fibras dum corpo—ou de milhares de corpos—para num instante tambem desaparecerem mediante a applicação de qualquer droga caseira ou aconselhada pela sciencia. Foi antes a exteriorisação duma dôr agudissima, recalçada durante um ano no peito por demais sofredôr de milhares de portuguezes, que viram ineptamente solucionada uma questão importantissima, qual era a das pretensões da Inglaterra sobre os territorios do Nyassa, e de que resultou o célebre *ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890.

Essa Revolta, a mais popular e simpática, talvez, de quantas modernamente puderam ser levadas a efeito em Portugal, duplamente atraiu e emocionou a alma nacional, convulsionando-a em éstos de louco sentimentalismo: porque era um veemente protesto contra as injustificaveis pretensões da nação que, por desgraça nossa, até ali fora e continuou a ser a *fiel* aliada dos portuguezes, e porque significava o grande desejo que a nação tinha de eliminar a monarchia, que, tendo por chefe um rei môço e inexperiente, não soubera remediar a tempo mal tão grande, apesar de, em todas as maquinações diplomaticas da época, terem intervindo os nossos primeiros homens publicos. Acrescia ainda que a monarchia, até no momento em que isso representava uma afronta ao sentimento nacional, se collocára sob a protecção da espoliadora Inglaterra, desde que percebera que estava ameaçado o seu dominio em Portugal.

E quem poderia dizer então, após o retumbante fracasso desse movimento patriótico, visando tambem um fim libertador, que volvidos mênos de vinte anos a República seria um facto em Portugal.

A ninguem é dado, atravez a toalha nevoenta dos tempos, descobrir nitida ao longe a imagem fiel dos acontecimentos. O Futu-

ro, que é o tempo que ha de vir, guarda na sua mão omnipotente o segrêdo de todas as coisas, mênos das que o passado, mil vezes invectivado já, sujeitou á critica impiedosa da razão humana, esclarecida pela luz precursôra desse mêsmo Futuro.

E é por isso que nós, ao depararmos com homens tradicionalistas, amando sôfregamente o que já não tem vida, nem pôde, sequer, dar-nos o prazer duma fugaz illusão radiosa, conjecturamos que, infelizmente e ao contrario do que o povo diz, *o sol quando nasce não é para todos*. Alguem fica cosido á má sombra que projectam as pesadas muralhas seculares, que representam, no tocante a sociologia, o negro passado, condenando-se assim, miseravelmente, a não ser util a si nem aos outros.

Não poucas vezes succede que dessa sombra terrificante, como do fundo dum abismo inabordable, se escapam risos escarninhos com que se pretende amesquinhar os que, de rôsto erguido, recebem em cheio as vivificantes fulgurações do sol que dardeja da outra banda. Mas esses risos—claras manifestações de loucura incuravel—são os ultimos écos do passado, que tem a pretensão de não querer morrer com juizo, já que não soube viver com honra...

Agora que passa o 21.º aniversario da Revolta do Porto, não podiamos deixar, nós, os que estamos gosando da libertação porque trabalharam já os heróis do 31 de Janeiro, de prestar aqui, ainda que por fórma bem modesta, a nossa sincera homenagem a esses heróis: é de piedade para com os mortos, e não só de piedade, mas de muita gratidão para com êles e para com os que ainda vivem.

Pudessem todos os portuguezes, sem excepção, dizer neste momento o mêsmo que nós e Portugal seria duplamente feliz—porque daria sinal evidente de que havia compreendido o valor intrinseco da palavra Liberdade, e porque demonstraria que estava unido e forte para a conquista integral do logar de honra a que tem direito entre os paizes mais civilizados.

R.



A «Alvorada»

O nosso semanário, que, como os nossos leitores teem visto, procura ser um jornal moderno, pugnando ao mesmo tempo assuntos de interesse local, dirigiu-se a todas as associações de classe vimaraneses, com caixa de socorros anexa, procurando saber destas qual a sua importancia, movimento e organização.

Já algumas dessas colectividades, correspondendo ao nosso apêlo e havendo compreendido o nosso pensamento, nos forneceram as suas notas; logo que estajamos de posse de todos os elementos, esboçaremos um quadro da mutualidade operária estabelecida entre nós.

Telefone

A fim de formar um estudo preliminar para o estabelecimento da rede telefonica, foi pedida á Camara, pela Segunda Circunscrição Electrica, a planta da cidade.

Eis um melhoramento que, a dar-se, será mais um progresso a enobrecer... o nobre berço.

A crise

Carregados andavam os áres politicos, e era opinião dos *seringadores*, que fazem jornal contra o regimen, que uma borrasca tremenda estava imminente. Tudo, porém, socegou. Safo o ministro das colonias do govêrno e, contra vontade de alguns, o parlamento votou uma moção de confiança, estando, por isso, limpos os ares e assegurada a estabilidade, como é mister para bem dos interesses do pais.

Um belo artigo

O «Mundo», de domingo, inseria um brilhantissimo artigo de José Caldas, cheio de ensinamentos tendentes a demonstrar o grave e profundo erro daqueles que incensam os descontentes da Republica.

O artigo vem encimado com o titulo de—«Republica democratica» e termina assim:

«E, pois que o povo, a multidão, os oprimidos fizeram a Republica, sem a minima intervenção dos grandes homens, que tendo desamparado o rei agora se oferecem para amparar a Democracia, ao povo cumpre governar, pois que é nele, indiscutivelmente, que reside a essencia de toda a legitima soberania.»

Peregrinos da esmola: tocai, cantai, ... que o «amor do proximo», será convosco!

Hoje, meu caro leitor, quero falar-te desses musicos ambulantes a quem tu, com mais propriedade, costumás distinguir com o «sobriquet», de—tocadores. Excêntricos uns, outros misantrôpos, esses peregrinos da esmola lá vão, de povoado em povoado, de vila em cidade, de romaria em feira, tocando e cantando... pelo divino amor de Deus.

Quantas vezes, leitor querido—sim, quantas vezes!—tu o terás despachado, ao «tocador», pedinte, com um sacudido e impiedoso «não pôde ser», sem reparares— injusto que tu és!— que a voluntariedade do «tocador», é compensadora da mediocridade do artista? E que dizer do povo anónimo, desse que em circuito o ouve em delicia té ao momento—mola oculta!—em que o «tocador», lo-grado vai ao encontro do «amor do proximo», e este se lhe escapa, á surrelfia!

Azares da fortuna que, ainda bem, logo são recompensados pela espontaneidade daqueles que pagam... para os não ouvir, convencidos por certo que este prêmio ao favor da sua ausencia não lhes magoará o orgulho, pois é um atributo ou sentimento humano que a D. Caridade nega a quem, por «modo de vida», é obrigado a andar de chapéu na mão.

Pobre «tocador», de ouvido, eu sei que o seu bom e melhor cuidado é adaptar-se, quanto possível, ás predileções e correntes do gosto popular; releva-lhe, por tanto, leitor sombrio, aquela bem intencionada teimosia que o induz e faz repetir, vezes sem conta, o estafado estribilho das tuas arrelias. Volver-me-ás que os teus ner-

vos, muitas vezes sob as influencias atmosfericas da vida, não encontram dose de paciencia bastante para aguentar quem, tendo embora a preocupação generosa de distrair-te, em tais casos só consegue arrelhar-te. Repara, porém, que o pensamento desse «tocador», mendigo permanece fiel, não á necessidade de produzir musica para que mereça os teus aplausos, mas simplesmente se obstina e teima em fazer ruido por forma que, despertando-te, mais depressa te faça levar a mão ao bolso, tirando dele o obulo da tua simpatia. Não queiras, por isso, mal ao «tocador», pedinte, que vai de povoado em povoado, de vila em cidade, de romaria em feira,—quer êle seja o cego, que de orbitas vazias chora á viola uma história alegre, quer êle se revista de gruteito, sensaboria e chatice, quer, finalmente, êle se te depare num desses originaes concertistas que, á força de repizar uma toada, se metamorfoseia num aparelho com registo.

Entregue aos vaivens e contingencias duma sociedade egoista—vá a frase tribunicia!—o «tocador», errante corre as sete partidas do mundo, tocando e abençoando a moeda de cobre dos poucos que lhe não foyem—coerentes estes talvez com o principio de que o mundo é um realejo bem mais desafinado, e a quem, todavia, nos é destino pagar pesados tributos... por mal de nossos pecados.

Contemporisa, pois, leitor bondoso,—se é que antes não tenha de lamentar-te pelo deploravel facto de, como eu, não possuíres «5 réis», para poderes mandar tocar um cego!

C.

A colheita do Santo

Como de toda a gente era sabido, a paga ao reverendo que pastoreia a pequena e apagada freguezia de Santo Amaro, provinha-lhe das ofertas que á taça do miligroso fossem depôr, em dia da sua festa, as dezenas dosromeiros devotos. Era, pois, esta a sua cóngrua, e, digamos de passagem, o povo simplista e crente parecia não achar desairoso para os bons créditos do Santo que este estivesse um dia no ano por conta do seu pároco. Era humano. Vem, porém, a lei da separa-

ção e—o que faz?—intromete-se nesta sociedade pela força do seu artigo 5.º e mais do 156.º, que, sem precizarmos transcrevê-los, consideram irritado e nulo o destino dessa colheita! Nesta altura entram as influencias a correr para a chefia do districto. Ali é posta a questão, deferindo-se, finalmente—contra a lei. Deve-se, é certo, antecipar á lei o criterio e espirito dessa mesma lei. Mas digam-nos: Quem pode amanhã impedir ou contrariar que outros párocos, evocando suas necessidades e interesses, façam igualmente apêlos similares fortalecidos pelo exemplo?

Levantamos este reparo, note-se, que sem ares de protesto, mas para que fique a hipótese de novos petiçãoarios a quem já agora é de justiça com eles contemporisar.

Seja a lei igual para todos!

O preço da sindicancia

A autoridade superior do distrito confirmou os honorários estabelecidos aos tres sindicantes á Associação Artistica Vimaranesse. Ignoramos o que se irá passar após isto, antecipando-nos todavia a reconhecer áquella autoridade a inteirêza do seu procedimento.

Juizo!

Parece que se vivia sob as ameaças duma grêve geral no país. Não sabemos se o operariado estava preparado para semelhante gesto a que podemos chamar — de revolução social. O que não padece dúvida é que se as classes trabalhadoras podiam com as consequências do temeroso comettimento, não está a jovem Republica nessas condições. Meditem, por isso, os operarios e vejam se querem na sua cegueira fazer o jogo dos nossos e seus inimigos, abrindo as portas á invasão estrangeira. Ponderem... e deixem-se de illusões que a todos podem ser funestas.

Demissões justas

Pela Camara foram dispensados os serviços aos seus empregados Campos Beltrão, fiscal duma estrada... que não fiscalizava, e mais António Abreu, vigia das reparações e concertos. Estes logares que, crêmos, custavam ao municipio respectivamente 25 e 15 mil réis por mês, não serão substituídos, pois ha ao serviço da Camara pessoal a quem compete o trabalho que os demittidos desempenhavam, parece que por desfastio.

ABAIXO A THEODICEIA!

Há dias, no Porto, numa praça publica, entre grande multidão, um orador terminou o seu breve discurso com a frase: «Abaixo Deus!» Isto é: morra Deus.

Parece que seria melhor gritar: abaixo o dogma, abaixo a reação religiosa, abaixo o mal.

Deus é um mito, um simbolo, mas essa palavra é representada como expressão do — que a nossa intelligencia pôde conceber de mais alto, de melhor, de mais perfeito. Haverá grande mal que o nosso espirito aceite um Sêr hypothetico, infinitamente perfeito que sirva de escopo ao nosso proceder, prototipo á nossa moral?

O céo será orbita vazia e a metafisica nam será uma sciencia, mas nem todos pensam assim. Muitos espiritos brilhantes e profundos, conhecidos entre os maiores philosophos modernos aceitam o Deus incognoscível, uma vontade de onde procede o que existe.

Por oppostos caminhos seguem a Sciencia e a Filosofia: ambas investigam a causa primaria, a origem do cosmos. A Sciencia, pelo methodo experimental, estuda a origem do Mundo, o como e o porque das cousas. A Filosofia, *à priori*, impaciente com a lentidão da Sciencia, diz-nos na sua cosmogonia, que o Mundo tem a sua origem em Deus, autor

de tudo. Tambem nos diz que é um sêr idealmente perfeito;

E' censuravel, impolitico, que se venha para o meio da multidão gritar: «abaixo Deus!»

Destruir Deus é exaltar o Mal. Esse Theorema é para se tratar entre homens de saber, mas perigosa no meio em que o orador portuense aludiu a ela.

O altissimo poeta e philosopho Junqueiro, escreveu:

O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito. Cria que Deus é eterno e que a alma é immortal.

E Anthero:

Na mão de Deus, na sua mão direita. Distância afinal meu coração.

Renan, no prefacio da Vida de Jesus, disse:

«Te souviens-tu, da sein de Dieu où tu reposes, de ces longues journées de Ghazir...»

Isto refere-se á sua falecida irmã Henriqueta.

Prova-se que os espiritos mais nobremente dotados sam os mais crentes, pois uma sciencia superior procura elevar-se ao Ente Superior.

Tudo no homem é contingente, incerto; nasce no sofrimento, vive na dôr, desaparece no pó. Ele é um animal religioso: para que ir arrancar-lhe a sua creença num Pai celeste, numa justiça superior que lhe vá suavisar o seu longo soffrer? As tendencias politicas nada têm de commum com a idea religiosa. Podemos ir avançadissimos em sistemas politicos e têr uma consciencia piedosa.

Mas nam se deve confundir a nossa creença no Infinito com o estreito dogmatismo dessa igreja romana, com as suas tarifas de classes, tabellas de preços correntes, cotações da vida eterna. A igreja romana é cara e com o seu *non possumus* é adversaria da sciencia, do livre exame; e por causa da sua politica dubia, tem de sêr attentamente vigiada.

Nam aceitamos uma religião que nos oferece uma copia fiel duma côrte monarchica, igualmente com a sua côrte celestial, povoada de serafins, anjos de varias classes, cherubins de primeira jerarchia, potestades, principes, profetas, confesores... Para isso era inutil termos despedido do Olimpo, Pan e Leus, Psyché e Hebe e as nimphas todas.

Foi uma grande crueldade. Ah! se Solon tal prevesse, tamanho attentado teria promulgado uma Lei do inquilinato, e os seus queridos deuses ainda hoje estariam tranquilos e immortais, nas suas mansões do Olimpo sagrado. Tudo muda e os deuses tambem.

Mas, assassina-os, como quer fazer o orador do Porto, isso é mal feito. Demais, parece difficil de pôr em pratica. Um novo deicidio! Nós, neste republicano cantinho da Europa, reeditamos o attentado da Judeia, irmos sacrificar um Deus! Pois Ele nam foi bem e legalmente morto pelos bons sacerdotes do Templo? Ah! a moral desse Deus nam convem aos reverendos passados e presentes. Eu peço ao orador do Porto para perdoar a Deus os seus peccados e deixa-lo vaguear, triste e solitario, pela Via-Lactea, onde a policia nam pôde ir prende-lo.

Freiria, 27 de Janeiro de 1912.
E. Vieira da Cruz.

CINEMATOGRAPHO
é o grande acontecimento
aos domingos

Desvio de agua
OU
UM CONTADOR "POLICIA,"
CARTA

Amigo Carvalho

No ultimo numero da «Alvorada» vem um artigo intitulado — «Desvio de agua ou um contador Policia» — que, por trazer algumas inexactidões, precisa de ser esclarecido.

Por meados de Setembro, estava eu com a presidencia da Camara quando o Carlos, empregado das aguas, me veio dizer, com ares mysteriosos, que lhe parecia haver um particular que roubava a agua da Camara.

Exigi-lhe que me dissesse de quem suspeitava, respondendo-me ele que do sr. Bernardino Jordão.

Muito embora estivesse convencido de que, provavelmente, haveria qualquer equivoco da parte do empregado, ordenei-lhe, contudo, que, immediatamente, tratasse de colher elementos que pudessem fundamentar a sua suspeita, para o que lhe facultei todos os meios que, para tal fim, julgasse necessários.

Imediatamente se collocou um contador na canalisação que vai para casa do sr. Jordão e, dias depois, e desta vez, o engenheiro da Camara me veio informar de que o contador acusava um grande desvio de agua que, necessariamente, se dava dentro do predio do sr. Jordão.

Em vista da gravidade que revestia tal caso, entendi ser do meu dever comunicá-lo á Camara, o que immediatamente fiz, em sessão secreta, pois que, se o fizesse em sessão publica, o alarme produzido iria prejudicar as investigações que tinha ordenado.

A Camara resolveu, por unanimidade, encarregar o engenheiro municipal de proceder a uma vistoria á canalisação dentro do predio do sr. Jordão. O sr. engenheiro prontificou-se a fazer esse serviço, declarando que, primeiro, para proceder com segurança, isto é, com probabilidade de bom exito, teria de fazer diversas investigações preliminares, para as quais necessitava de algum tempo.

Assim se combinou, e, passados dias, em 1 de Outubro, eu, deixando a presidencia da Camara, fui para Lisboa onde me demorei quinze dias. Depois de voltar, diversas vezes perguntei pelo estado em que se encontravam as investigações, respondendo-me o sr. engenheiro que ainda as não tinha concluído, devido a ter tido todo o tempo tomado com trabalhos inadiáveis, de extrema urgencia para a Camara.

Efectivamente é certo que o sr. engenheiro tem tido, ultimamente, serviços de grande urgencia para fazer, todos de enorme importancia e que não podiam ser adiados sem que muito soffressem os interesses deste concelho. Alguns desses serviços estão até, infelizmente, por concluir.

Ha dias, porém, chegando ao conhecimento da Camara que o caso da descoberta do desvio da agua já ia sendo do dominio publico, teve ela que ordenar, para que se não perdessem os trabalhos já organizados, que, immediatamente, e com prejuizo de qualquer outro serviço, se procedesse á vistoria da canalisação.

Assim se fez, sendo, como não podia deixar de ser, o engenheiro municipal encarregado desse trabalho. Participou-se tambem o facto para a administração do concelho a fim de que se procedesse á investigação policial, e,

logo que o relatório do engenheiro seja entregue á Camara, será remetido para o poder judicial.

Eis a história fiel do caso.

Por ela se vê, portanto:

Que fui eu que mandei collocar o contador policia, antes mesmo da Camara ter conhecimento da suspeita do desvio;

Que a Camara foi materialmente impossivel concluir mais cedo as suas investigações por ter o limitado pessoal tecnico de que dispõe occupado em outros serviços de inadiável solução;

Que o vereador do pelouro das aguas não teve que informar a Camara, na sessão de 16 do corrente, sobre o estado da questão, porque esta, depois de por êle ter sido exposta á Camara logo em setembro, já não era da sua responsabilidade unica, nem a êle só interessava;

Que da vistoria á canalisação do sr. Jordão foi encarregado o engenheiro municipal e não o sr. Abilio e o Carlos;

Que a Camara, tendo pedido ao administrador para proceder á investigação policial sobre o assunto e mandando o relatório do seu pessoal tecnico para juizo, não mostra que lhe faleça energia para proceder como o caso reclama e que, se ficar tudo como dantes, não é porque da sua parte não se empreguem todos os esforços por que justiça seja feita.

Aqui tem o meu amigo o que sobre o caso lhe queria dizer e que peço exponha no semanario que muito distinctamente dirige.

E sobre este assunto, como sobre qualquer outro em que eu tenha qualquer interferencia, estará sempre ao seu dispôr para o informar com inteira verdade o

amigo dedicado,
Mariano Felgueiras.
Guimarães, 30—1—12.

N. da R.—Clara e expressiva, como convinha, é a carta que acima gostosamente publicamos sobre esse caso, já agora, de moralidade administrativa. Nada temos a opôr-lhe nem a acrescentar-lhe; simplesmente queremos esclarecer que quando dissemos terem sido encarregados de vistoriarem a canalisação os empregados Abilio e Carlos, dissemos a verdade, pois só mercê dum reparo levantado pelos representantes do particular é que o engenheiro da Camara ali foi. Ora isto só vale como que a demonstrar o escrupulo dos nossos informes, e nada mais.

O sr. Bernardino Jordão, defendendo-se, em comunicado, da accusação do desvio da agua que a Camara lhe faz, diz isto, que reputamos grave:

«O que é triste é que qualquer cidadão esteja sujeito a estes vexames, que demettidos ordenam sem responsabilidade criminal.»

Evidentemente que se entendem estas palavras com a Camara, pois foi quem ordenára a vistoria á canalisação e, consequentemente, quem exposera o particular ao... vexame.

Comemorando o 21.º aniversario da primeira revolução republicana no Porto

A passagem desta data, que para Portugal foi um lampejo intenso e animador da aurora redentora que em 5 de outubro rompeu ás brumas sinistras dum regimen de ignominias e de traições, teve ontem pelo País a sua consagração em memoria dos martires sacrificados pelo ideal republicano nas ruas do Porto.

E a despeito das loucuras praticadas pelos inimigos da Republica e da humanidade, que a energia do governo esmaga e pune com o patriotismo do exercito e com o civismo dos verdadeiros portugueses, esta data gloriosa viveu integrada na alma da Nação, que caminha segura para um futuro melhor, embora isso pese aos traidores e aos adversarios impenitentes.

Guimarães, que acima de tudo é e quer continuar a ser um pedaço de Portugal livre e independente, festejou o 31 de Janeiro com alvorada no quartel pela banda militar e nas ruas com uma banda civil e algum fogo.

Às 11 horas houve conferencias no 1.º e 2.º batalhões pelo sr. tenente Ferreira, e no 3.º batalhão pelo sr. tenente Carvalho, estando o quartel engalanado.

Ao meio dia percorreu as ruas da cidade, tocando o hino nacional, uma banda de musica e queimou-se algum fogo.

O 1.º e 2.º batalhões, com os respectivos guilões, sob o commando do sr. coronel Freitas Barros, vieram ao quartel do 3.º batalhão, composto de recrutas, para ir prestar a continencia á bandeira, discursando nesta ocasião o rev. Fiúza, capelão do regimento, e o respectivo comandante.

O rancho foi melhorado, e á noite illuminou o quartel.

Pelas 21 h23 horas saiu do Centro Republicano uma manifestação engrossada com as praças do regimento, conduzindo bandeiras, archotes e balões, acompanhados por 3 bandas de musica, que percorreram as ruas da cidade em constantes aclamações, falando ao povo, das janelas da Camara, os cidadãos Mariano Felgueiras, vice-presidente do municipio e A. L. de Carvalho, director da «Alvorada», sendo muito aplaudidos. No cortejo encorפורou-se o estandarte das Quatro Artes de Construção Civil.

As associações de classe e alguns edificios embandeiraram e illuminaram tambem as suas fachadas, como o Internato, a Escola Industrial, a Camara, etc.

Como não se tratava de manifestação monarchica ou socialista, da festa do Pinheiro, da Lapiña ou de outra qualquer, menos de manifestações patrioticas, muitas casas brilharam, como de costume, pela completa ausencia dos moradores, devido talvez ao vento frio que prejudicou o efeito da marcha, apagando muitos balões.

CARNAVAL

Serpentinas e confetis

Drogaria Fernandes

Guimarães & Irmão

Rua da Republica, 80

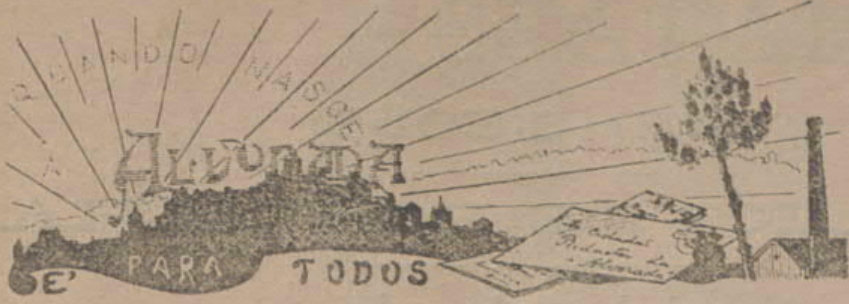
Guimarães

ALUGAM-SE

Um escritório com o n.º 100 e uma cocheira com o n.º 96 na rua 31 de Janeiro desta cidade.

Vende-se a casa nobre n.º 45—S. Bento—.

Dirigir ao solicitador Pimenta.



Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos; enviem-nos a sua prosa, seja como fôr, — contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

Em prol da instrução

Snr. Redactor:

Digne-se tornar publico no seu conceituado jornal, e na secção para todos, que nada adiantamos com a mudança de sistema de governo, porque o mau pessoal que havia no tempo da monarchia contiua a influir para o esbanjamento dos dinheiros publicos e particulares, ficando o povo a viver sempre de promessas que não passam de obras vergonhosas praticadas pelos administradores dos interesses publicos.

Mandada construir pelo falecido comendador Manuel da Cunha Guimarães, e por ele gostosamente doada, existe uma propriedade, que nada deixava a desejar, para ser aplicada como escola, com subsidio para o professorado e para a conservação da mesma, convencido de que os governos futuros zelariam e fariam cumprir os seus benemeritos intuitos.

Pois, senhores, essa luxuosa propriedade, que custou ao doador muitos contos de réis, para reverter em beneficio do povo da sua terra, acha-se abandonada ha mais dum ano, sem professor, resultando desse abandono ser ela aproveitada pelos lavradores para guardarem a palha e para covil de ladrões, carregando outros com o material, como portas e janelas, achando-se os telhados partidos e o magnico quintal a servir de pasto a cavalos vadios.

E esta calamidade dá-se onde existem juntas as três freguesias de Gandarela, Moreira de Conegos e S. Martinho de Conde, sem que nenhuma delas possuia escola!

Já requeri, a conselho de alguém, com a promessa de que seria atendido sem demora, por ser uma reclamação justa e não estarmos já no tempo da monarchia, das injustiças; mas, apesar da boa vontade com que o fiz, convencido de que prestava um bom serviço aos povos da minha terra, nada ha ainda resolvido, apesar de serem decorridos já quatro meses.

A vérba deixada pelo falecido para a conservação do professorado e da propriedade, está sendo desviada em beneficio de outras localidades com estranhese e desgosto para os povos de S. Martinho, que se diz roubado nos seus legitimos interesses, dizendo que tão bom é Deus como o diabo.

Alega-se que na Direcção da Instrução Publica não ha ainda gente competente para bem servir o publico, porque ainda está eivada dos vícios da monarchia, e que só tarde aquilo entrará nos eixos com pessoal que não procure por todas as fórmãs proceder de modo a desgostar o povo e levá-lo a odiar o governo, do qual já diz mal.

Seja como fôr, o que se dá é

deveras lastimavel, porque o povo quer factos em que se vá firmando para resoluta afeição ao novo regimen. Carreira, S. Martinho do Conde, 27-1-912.

Domingos Francisco Guimarães.

Impostos camararios

Cidadão A. L. de Carvalho, director do jornal a «Alvorada».

Li ontem no seu jornal, de que sou assinante, uma noticia contendo o resumo da receita de impostos municipaes, arrecadados directamente pela Camara, no ano findo de 1911.

Por méro lapso, diz-se que os impostos indirectos municipais e directo sobre os carros, tinham produzido, por virtude de arrematação, no ano findo de 1910, a quantia de 25:501.000 réis, quando é certo que produziram réis 26:501.000, ou seja mais réis 1:000.000.

Parece-me que a bem da verdade e ainda como informador consciencioso que é o seu jornal, deve ser rectificado aquele lapso, e, para esse fim, envio-lhe uma nota de todas as receitas arrecadadas nos anos de 1910 e 1911, a qual justifica a bõa administração municipal, e desfaz o equivo-co do resumo publicado.

Quanto á despesa feita com o pessoal maior e menor da administração dos impostos municipaes, está exacta, devendo, porém, informa-lo que o serviço que é proprio a este pessoal não se limita só á fiscalisação dos impostos que outróra andavam de arrematação, mas sim a todas as receitas do municipio, e, ainda, o que é para notar, ao serviço policial que a lei comete ás Camaras municipais.

A salutar medida da arrecadação dos impostos, por administração directa, impunha-se por todos os principios, e os seus beneficios a bem e interesse geral dos municipes, só serão conhecidos passados que sejam tres anos.

Muitas outras considerações podia e devia fazer sobre este assunto, mas deixo-as ao seu critério.

Espero dever-lhe a fineza de aceitar como merecer esta aclaração que a todos interessa e a ninguém prejudica.

Guimarães, 26-7-912.

O secretario da Camara, José M. Gomes Alves.

N. R.—Devemos esclarecer que o lapso, desagradavel neste caso, veio na informação que nos deram.



Retirou para Lourenço Marques o snr. Ismael Alves Costa, oficial do quadro administrativo de Moçambique. A sua partida inesperada obstou a que se despedisse das pessoas de suas relações, como era seu desejo, fazendo-o pois por este meio.

A romaria do Santo Amaro, no logar do mesmo nome, e mercê da beleza do dia, estevec oncorrida, decorrendo sem incidentes de maior. Como é praxe, jogaram-se ali os primeiros polvilhos anunciadores do carnaval.

A casa de pianos Melo Abreu, do Porto, participa-nos que fica sendo seu socio gerente o sr. Bernardo Moreira de Sá. Prosperidades á nova firma.

Para o pagamento de contribuições foram colocados editais annunciando que de 1 de Fevereiro está o cofre aberto.

As rendas de casa e indústria, pagam-se em Fevereiro, e a predial em Março.

Faleceu o sr. Jeronimo Vaz de Napoles, cunhado do sr. dr. J. D. de Araujo, medico militar. Pesames á familia.

Luz que falha

Foi no sabado, dia de barbas, que a luz electrica, pela sua ausencia, fez mergulhar a cidade na mais densa escuridão. Reappareceu, porém, ás 21 horas, não sem que obriga-se a uma corrida ás misticas velas e abandonados candieiros, fazendo-se por isso bom negocio de torcidas, vidros, estearina, petroleo, carboneto e lumes.

Parabens aos da tenda.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Camara Municipal deste concelho de Guimarães

Faz publico que todas as pessoas que usem instrumentos de pesar ou medir, no comercio ou industria, são obrigadas, pelo decreto de 1 de Julho de 1911, a adquirirem em cada lote de pesos, mais 250 gramas num só peso e 125 gramas tambem num só peso, e em cada lote de medidas de capacidade, mais uma de 1/4 de litro (2,5 decilitros) e outra de 1/8 de litro (1,25 decilitros);

que, as cervejarias, cafés, restaurantes, casas de pasto, hospedarias e hoteis são

obrigados a ter uma colecção de medidas aferidas e conferidas todos os anos, para a venda de liquidos. As vacarias e leiteiras tambem são obrigadas a ter uma colecção de 1/2 litro a 1,25 decilitros;

que, depois dêste edital é proibido ás tabernas vender vinho medido pelas canecas de faiansa, copos de vidro, ou qualquer outra vasilha, sob pena de multa de réis 20000 pela 1.ª vez, 40000 réis pela 2.ª e 100000 réis por cada reincidencia. O vinho será sempre medido pela medida legal, ou então, devem adquirir medidas de vidro aferidas e autorisadas por lei;

que, é proibido medir cereais por copos de barro e os legumes tais como a batata, não sendo permitidas as medições de cogulo. As nozes, castanhas, etc., serão vendidas a peso;

que, mais é proibido usar cantaros de medição de qualquer liquido de almude e 1/2 almude, bastando só a simples detenção dos mesmos nos estabelecimentos, para serem multados os infractores. A fabricaçaõ, introdução ou venda destas medidas será punida com a multa de 100000 a 1000000 réis e de 10 a 50 dias de prisão e o seu uso será punido com a multa de 20000 a 200000 réis e 3 a 15 de prisão;

que, é proibido vender ao publico medidas ou pesos que não tenham a punção da aferição que certifique a sua legalidade;

que, o afilamento de todos os instrumentos de pesar e medir é normalmente feito nos meses de Maio e Junho e a conferiçaõ das medidas de capacidade será feita no mês de Dezembro do corrente ano. Tanto a aferiçaõ como a conferiçaõ é obrigatória todos os anos;

que, todos os instrumentos de pesar e medir, devem ir á officina da aferiçaõ, para aferir e conferir, todas as vezes, salvo, se os comerciantes preferirem que esse serviço seja feito nos proprios estabelecimentos o que a lei lhe faculta;

que, para mais esclarecimentos, todas as pessoas se devem dirigir á aferiçaõ de pesos e medidas, sita na rua de Francisco Agra, n.º 95, ou ao domicilio do aferidor, das 10 ás 14 horas de todos os dias uteis, onde haverá deposito de todas as medidas e pesos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos logares mais publicos da cidade e concelho.

E eu, João de Sousa Dias, amanuense servindo de se-

cretario da Camara o subscrevi.

Guimarães, 29 de Janeiro de 1912.

O Presidente da Comissão,

Teixeira de Abreu.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Camara Municipal de Guimarães, distrito Administrativo de Braga

Faz publico que as suas sessões ordinarias devem realizar-se todas as terças-feiras de cada semana, pelas 11 horas, exceto sendo dias feriados, porque sendo-o far-se-hão no dia immediato, conforme a deliberação tomada em sessão do dia 2 do corrente mês. E, para constar, se publica o presente e se afixam outros de igual teor nos logares do costume e estilo.

Guimarães, 3 de Janeiro de 1912. E eu João de Sousa Dias, escrivão interino, o subscrevi.

O Presidente,

José Pinço Teixeira de Abreu.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Camara Municipal do concelho de Guimarães

Faz publico que, no edificio dos Paços do Concelho e Secretaria Municipal se acha em exposiçaõ pelo tempo de 10 dias, a contar de hoje, o orçamento ordinario da receita e despesa desta municipalidade durante o corrente ano de 1912.

Em harmonia com a lei convida todos os eleitores e contribuintes do concelho a apresentarem dentro daquele praso qualquer reclamação que julgarem conveniente fazer, afim de ter o devido destino.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos logares do estilo e costume e publicar pela imprensa.

Guimarães, 24 de Janeiro de 1912. E eu João de Sousa Dias, escrivão interino, o subscrevi.

O Presidente da Comissão,

José Pinto Teixeira de Abreu

Vende-se

Um carrinho, garra-no e arreo, junto ou separado.

Dirigir ao solicitador Pimenta.

A MODA EM GUIMARÃES

Encontra-se sempre na CHAPELARIA e GRAVATARIA MARTINS, unico estabelecimento que apresenta ultimas novidades em Chapéus, Bonets, Gravatas, Collarinhos, Suspensorios, Peugas, Lenços, Ligas para homem, Botões de punho, Bengallas e Guarda-chuvas.

ARTIGOS PARA MILITARES

CACHE-COLS

SAPATOS DE BORRACHA

Agente da casa de carimbos de borracha de JOÃO H. VIEIRA, de LISBOA

MANOEL C. MARTINS

7, Passeio da Independencia, 9—GUIMARÃES



DE LOJA DO BENJAMIM

Benjamim de Mattos—Toural, 105—GUIMARÃES

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão; fazendas brancas e miudezas, malhas e perfumarias.

A casa que tem melhor sortido e que mais barato vende todos os seus artigos

RENDAS—Bordados a pezo e ás peças—Lenços e Echarpes de seda—Pannos para enxovaes etc.

Sabonetes marca BENJAMIM e PRINCEZA a 100 e 60 reis.

Sempre saldos de occasião



ATENÇÃO—Por causa dos falsificadores de taboetas, publica-se a photogravura do chefe da casa, para evitar confusões.

Correspondente das principaes fabricas de Bicycletes, camaras d'ar, pneumaticos e todos os accessorios para Bicycletes.—PREÇOS BARATISSIMOS

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da Republica, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, oleos, tintas, vernizes, vidros, cera em vellas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Abilio d'Almeida Coutinho 113, Rua da Republica, 115
Guimarães

Solicitador encartado

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.

Compra e venda de papeis de credito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de predios urbanos e rusticos, para o que ha sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se somente com os interessados.

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura	Preço das publicações
Anno 1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha 40 rs
Semestrê 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso 20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Do Cidadão